

Arno. Otto. Schell

Bem-Te-Vi

ANO XIX

NUM. 5



Maio de 1941

NO INSTITUTO CORRECCIONAL

Vocês já ouviram falar no Instituto Correccional? É o lugar para onde são mandados os meninos insubordinados, maus, mentirosos e vagabundos. Chama-se Correccional porque foi fundado com o fim de corrigir tais meninos.

Todos os domingos, às 9 horas, d. Adair ia ensinar catecismo a estas crianças. Um a ouviam com interesse e boa vontade, embora outras nunca lhe dessem atenção. Mas d. Adair era moça boa, jeitosa, ativa e não esmorecia. Ensinava-lhes hinos bonitos, contava-lhes histórias bíblicas e tomava-lhes o catecismo.

No mês de maio, no 2.º domingo, ela apareceu com um lindo botão de rosa branca, no peito.

— Sabem que significa esta flor que trago hoje comigo?

Ninguém soube dizer.

— Pois, então, vou explicar-lhes:

Estamos no 2.º domingo de maio, dia dedicado às mães, àquela a quem devemos o nosso ser.

Muitos gozam ainda da felicidade inaudita de viverem ao seu lado; outros, porém, perderam-na para sempre. Os que a possuem, usam neste dia uma flor vermelha, e uma branca os que dela guardam apenas a memória. Eu, como vocês veem, já não a tenho. Faz apenas 5 meses que a perdi...

E d. Adair precisou enxugar os olhos. A lembrança de sua mãe querida, que havia partido para o céu, fê-la chorar, mesmo ali diante dos meninos. Eles também ficaram comovidos.

Depois de uma pausa d. Adair continuou:

— Neste mês de maio comemoramos não somente o dia das Mães, mas também o Lar, o Lar Cristão. Que quer dizer lar?

— Casa, respondeu Ricardo.

— Não, não é bem isso. Quem sabe explicar um pouquinho mais?

Ninguém sabia, mas estavam interessados.

— Casa, meus meninos, é o edifício onde moramos, e Lar é a própria família tornando a casa um lugar feliz. Compreenderam a diferença? Então, que é Lar?

— Lar é uma casa feliz, respondeu o Miguel.

— Isso mesmo, muito bem. E para a casa ser feliz é preciso que o papai seja muito bom para a mamãe e a mamãe muito boa para o papai; que ambos sejam bons para os filhi-

nhos e os filhinhos bons para os pais e também entre si os irmãozinhos. É preciso que a mamãe não minta, nem o papai, nem as crianças. É preciso que cada um cumpra com a sua obrigação; é preciso que cada um seja delicado e paciente com os da própria casa, partindo o exemplo dos pais. Não responderem os filhos com maus modos e grosseria. Ser delicado e alegre em casa parece ser mais difícil, não é mesmo? E devia ser justamente o contrário.

Mas, para sermos bons assim, uns com os outros em casa é preciso aprendermos com Jesus. Todos os dias a família deve reunir-se e orar a Deus, agradecendo as bênçãos recebidas e suplicando novas forças e direção nos trabalhos do dia. Deve cantar um hino em louvor a Deus, nosso Pai e ler alguns versos da Bíblia, que é a sua Palavra.

Pensando no Lar Cristão resolvi ensinar-lhes hoje um hino novo que aprendi com minha mãe e que por coincidência vem publicado na capa do Bem-te-vi deste mês. Cantamos muito em casa. É muito bonito. Pede a Deus abençoar-nos nos trabalhos do dia, acompanhando os que saem para o emprego ou para a escola, mas pede também ficar em casa com a mamãe e as crianças.

Antes, porém, de d. Adair cantar para os meninos aprenderem, notou que o Miguel estava com os olhos vermelhos de choro.

— Que é isso, Miguel, você está chorando, por que? Você também não tem mãe como eu?

— Tenho, d. Adair, respondeu ele, a muito custo, tenho pai e tenho mãe e tenho irmãos. Mas não tenho Lar; é uma casa apenas.

D. Adair ficou comovida e penalizada. Era esse o caso de quasi todos aqueles meninos.

— É bem triste ouvir isso, Miguel. E o resultado, você vê, é a sua presença aqui. Que podemos fazer?

— Eu já estou resolvido. Farei de minha futura casa um Lar Cristão de verdade.

— Que Deus o abençoe nesse propósito Miguel, e mova os outros corações para o mesmo ideal. Vamos então, antes de cantar, fazer uma oração com fé, pedindo a Deus abençoar os lares cristãos e também os lares ainda infelizes.

E naquele domingo quasi todos os meninos, espontaneamente, oraram em favor de suas famílias e Deus, por certo, as abençoou.



Bem-Te-Vi

ANO XIX ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 5

Gerente responsável: — Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155 Assinatura anual 10\$000
Fernando Buonaduce Oficinas: Rua da Liberdade, 659 Número avulso . 1\$000

Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor:
Afonso Romano Filho

• São Paulo, Maio de 1941 •

Redatora:
Antonieta Gonçalves Gilioli



O LAR

GUSTAVO KUHLMANN

1. As festas e galas,
As honras e glórias,
O brilho das salas,
Brilhantes vitórias,
Não valem a vida
No morno aconchego
Da casa querida,
Do Lar em sossego.
2. Que encanto e candura
Nos beijos tão ternos,
Da doce ternura
Dos lábios maternos !
A mãe é uma santa
De amor e carinho
Que embala e que canta,
Ninando o filhinho.
3. O Lar, meigo templo
Da santa amizade,
E' o ninho do exemplo
Do bem, da bondade.
No Lar, tudo é belo :
O velho, a criança
De riso singelo
— Saudade e esperança !
4. E, quando se chora
No Lar que entristece,
Orvalho da aurora
O pranto parece !
- E o lírio tão lindo
Não tem a candura
Do Lar quando, rindo,
Palpita em ventura.
5. O pobre entenece
Ao vir do trabalho ;
Fadigas esquece,
Do Lar, no agasalho.
E o lindo peralta...
Da escola voltando,
De alegre, então, salta
Sorrindo e brincando !
6. Si a ausência se sofre
Do lar de bondade,
Transborda-se o cofre
Da terna saudade !
E, em dias de dores
Que, o peito, castigam,
Recordam-se amores
Que, as dores, mitigam.
7. Que sonhos e encantos,
Que "amor e poesia"
Do Lar sempre santo,
Na santa harmonia.
Bendito, pois, seja,
Do Lar, o telhado !
Que a Paz sempre esteja
No Lar sempre amado.

Ongo, o indiozinho de Mato-Grosso

CAPÍTULO III

A CABANA

Sinopse — Um indiozinho de doze anos, da tribo da Casa Redonda, foge de um bando de guerreiros tupís que o levaram cativo. Seu esconderijo, à beira do rio, é um lugar muito aprazível. Todavia, os roncões da ilha Assombrada amedrontam o menino tanto quanto a idéia de ser novamente aprisionado pela tribo inimiga. Finalmente atira-se ao rio e começa a nadar em direção à ilha, pois é o único meio de escapar.

Ongo parou perto de uma árvore gigantesca cujo tronco era muito liso. Planejou trepar. Passou então um comprido cipó pelo tronco da árvore e deu um nó bem duro nas duas pontas. Depois, agarrando-se a ele e firmando os pés no tronco, foi subindo. De todos os galhos pendiam cipós que muito o auxiliaram. Afinal, o menino, esperto e de iniciativa, pisou no tronco de onde saíam dois fortes galhos horizontais. Alí construiria sua "casa". Sobre estes dois galhos horizontais Ongo colocou bambús, entrelaçando-os com cipó; ficou assim construído o assoalho da casa. Depois enfiou no centro uma boa estaca à qual convergiam outras que rodeavam o assoalho; estava feita a armação da casa que tomava a forma de um cone.



A princípio cobriu-a toda com folhas de bananeira, que pareciam ter sido feitas de propósito para isso. Mais tarde, porém, substituiu-as por sapé, assemelhando-se então à sua saudosa Casa Redonda.

Já fazia quatorze noites que Ongo passava na ilha Assombrada. Isso ele sabia porque todas as manhãs, o seu primeiro cuidado era fazer um risquinho no tronco da árvore.

Naquele dia em que, nadando rio acima, conseguira com grande esforço alcançar a ilha, ficou horas e horas estirado sobre a areia da praia, muito esfalfado, quase morto. Ele havia afortunadamente aportado ao norte dessa ilha tão exqu岸ita e era justamente do sul que vinham os gemidos dolorosos como lamúrias dos espíritos maus. Até aquele dia, porém, nenhum mal lhe havia feito o Roncador e talvez não o molestasse se dali daquela banda ele não saísse.

A primeira noite Ongo a passou trepado numa árvore, tendo antes cuidadosamente amarrado um cipó à sua cintura e a árvore para evitar despencar de lá, dormindo. Mas por diversas vezes foi despertado pelo terrível som, que o fazia tremer todo. Certa vez acordou ouvindo passos pesados bem debaixo da árvore em que estava. "Carrunch, carrunch, bump!" Algum animal devia estar passando por baixo de seu abrigo. "Crunch! Crunch!" Eram galhos que se quebravam. Ongo agarrou-se tanto quanto pôde, encolhendo-se muito para não ser visto. Com grande satisfação percebeu pelo barulho que o animal se afastava. De manhã cedinho seu primeiro serviço foi examinar os rastos deixados. Deveria ter sido um enorme tapir.

E' verdade que o tapir é quasi inofensivo, mas quem lhe garantiria que não aparecesse uma fera? E por precaução naquele mesmo dia tratou de começar a construção de sua casa na árvore.

Nas noites que se seguiram, Ongó viu por vezes, tochas de fogo brilhando na terra que ficava do outro lado do rio. E durante o dia ouviu soar tambores e sibilar flechas. Eram os índios ainda à sua procura. Pelos sinais Ongó sabia que se achavam acampados ali por perto e que outros grupos guerreiros deviam ter-se unido aos primeiros.

Por isso o indiozinho se conservou o mais sumido possível. Com o passar dos dias foi-se acostumando com o ronco da ilha. Afinal, que vinha a ser aquilo? Mistério! Todavia, nenhum mal lhe haviam feito ainda. Além disso Ongó tinha tanto que fazer que pouco tempo lhe restava para pensar em ter medo. Por estar sozinho, era ele o construtor, o cozinheiro, o caçador, tudo enfim. Com a precisão descobriu muitos meios de substituir uma coisa por outra. De uma moita de bambús foi tirando material para as paredes de sua casa e também material com que teceu uma cesta de pescar. Todos os dias achava serviço e muito.

Aos poucos Ongó foi fazendo amizade com outros moradores daquele lugar. Perto de sua árvore vivia também um sapo que cantava: "Hum, hum" e uns sapinhos que às vezes estufavam tanto a barriga, parecendo até que iam arrebentar. Numa outra árvore moravam uns macaquinhos de rabo comprido e cara muito engraadinha. Todas as tardes esta família de macacos se reunia no galho mais alto da árvore, sentando-se um em frente ao outro e cantavam em coro. Era fantástico. Começavam bem agudo como uma flauta e terminavam num

som grave, ecoando pela floresta dum modo todo característico.

Uma outra árvore, oca e muito alta, à beira do rio, abrigava um pássaro grande, de bico enorme que cantava mais ou menos com a voz de um cachorrinho novo. Era o tucano.

A princípio estes bichos e pássaros fugiam do menino mas agora já se iam afeiçoando a ele.

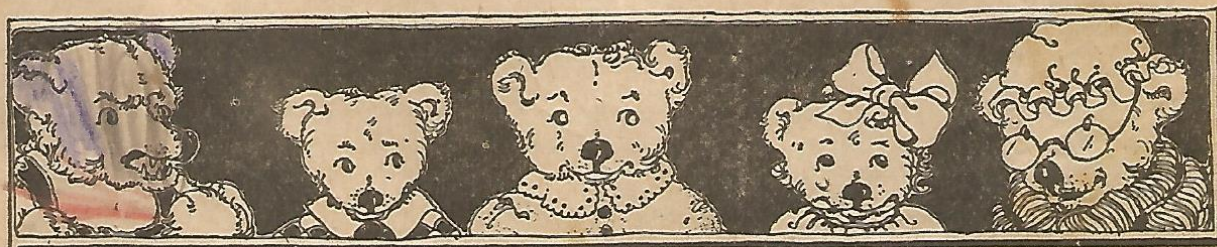
Acabado o seu primeiro cesto de bambú, Ongó transbordava-se de ânsia de estreá-lo. E' verdade que não tinha fogo para assar o peixe, mas ele bem sabia que, abrindo-o sobre uma pedra, o sol abraçador do nosso Brasil se incumbiria de assá-lo.

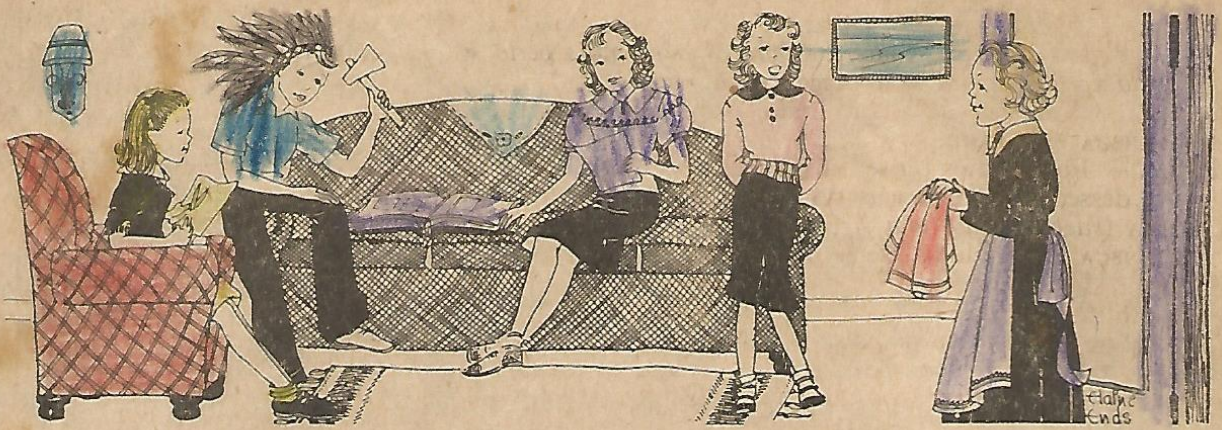
Agachando-se à beira d'água, lançou o cesto e esperou. Nada. Tentou novamente. Nada. Experimentou a terceira vez, nada conseguiu. Só então viu que o cesto estava colocado de modo contrário. Endireitou e lançou-o de novo. E desta vez sim, o cesto veio cheio. Ficou contente. Tão entretido estava com os peixes que não percebeu o perigo que corria. Mas um providencial guincho dos macaquinhos e um agudo grito do tucano fizeram com que ele olhasse em redor. Foi a sua salvação, pois rente com ele, vinha aparecendo fora d'água o sinistro focinho preto de um jacaré enorme, cujo corpo não se demorou a mostrar. Com um grito, Ongó largou o peixe, e disparou para a primeira árvore que encontrou, subindo pelos cipos aos seus galhos mais elevados.

Livrando-se do jacaré, Ongó sentiu-se profundamente reconhecido a estas criaturas que já o tratavam não como um intruso, antes como se ele também fosse um outro macaco ou pássaro qualquer.

Mas, que seria aquele constante roncar da ilha?

(Continua).





A CESTA DE AGRADECIMENTOS

Comédia para 4 meninas e 1 menino

PERSONAGENS

D. Malvina Lopes (mãe) — Luiz Roberto (filho) — Hilda (filha) — Alzira e Francisca (amigas)

Na Sala de jantar de D. Malvina, há na parte de trás, um divan com uma mesinha na frente e uma cadeira de braços de cada lado. Sobre a mesa, há — tesoura, lapis, papel, tinta, figuras e outras cousas necessárias para se fazer um album. A porta, à esquerda, tem ligação com a entrada da casa e a da direita, com os quartos. Pode-se acrescentar, a gosto, cortinas, quadros, mesinhas, etc.

(Quando as cortinas se abrem, D. Malvina está apanhando do chão pedaços de papeis espalhados aqui e acolá).

D. MALVINA (*suspirando*) — O' criança! (*Apanha mais papeis*).

L. ROBERTO — (*de fora*) — O' mamãe! (*Vem correndo com uma lata de fermento royal em uma das mãos e na outra, u'a machadinha, e um boné, usado na guerra (Vestimenta de índio) Ele tem 12 anos, e usa roupas simples, sem paletó e sem chapéu*).

D. MALVINA (*surpresa*) — Já, de volta? Como foi depressa!

L. ROBERTO (*quasi se n' fôlego*) — Fui correndo. Aqui está o fermento.

D. MALVINA (*pegando*) — Muito obrigada, meu filho. (*Apontando para as cousas de índio*).
E, que significa isso tudo? Onde você arranhou?

L. ROBERTO (*com orgulho*) — Machadinha e boré de guerra, tudo de índio, mamãe, eles estão dando na venda, para reclame!

D. MALVINA (*suspirando*) — Você foi sem chapéu e sem paletó?

L. ROBERTO — Ora, mamãe, é tão perto e além disso está fazendo tanto calor!

D. MALVINA (*imaginando*) — Quando é que essas crianças aprendem a tomar conta da saúde? Bem, estou muito cansada agora para insistir e tenho ainda muito que fazer. (*sai devagar à direita*).

L. ROBERTO (*ansioso*) — Mas, mamãe, a snra. é que vai fazer todo o jantar, sozinha?

D. MALVINA (*rindo-se*) — Vocês não contam com um grande jantar para amanhã?

L. ROBERTO — A senhora quer que eu ajude em alguma coisa?

D. MALVINA — Sabe, meu filho, há uma coisa em que você me pode ajudar muito! E' deixar de caçoar de sua irmã e das outras meninas quando se reunirem hoje aqui.

L. ROBERTO (*angustiado*) — Chi, então elas vão ter a reunião aqui?

D. MALVINA — Vão, mas só duas é que veem. Não é bonito e não fica bem chamá-las de bobinhas, como você faz para irritá-las.

L. ROBERTO — A senhora precisa ouvi-las todas juntas, a falar, a falar, e a rir, rir sem motivos, para vê se não tenho razão.

D. MALVINA — Psiu! Penso que elas estão chegando... Bem, seja bonzinho. Se precisar de alguma coisa, estou aí na cozinha.

HILDA (*já no corredor*) — Boa tarde, boa tarde; entrem, ponham aqui suas cousas e seus chapéus. (*Ambas entram rindo e conversando*).

L. ROBERTO — Hum! (*Passa um olhar rápido pela sala, tira as pinturas da mesa e esconde-se atrás da cadeira de braços à esquerda. Enquanto isso, as meninas vão entrando. Todas elas tem mais ou menos a sua idade*).

HILDA — Inda bem que a minha casa é grande e arejada. Lá fora está tão quente!

FRANCISCA — A nossa reunião hoje será triste, sem as outras da sociedade.

HILDA — Bem, vamos sentar e trabalhar no nosso album. (*Hilda e Francisca sentam-se no divan. Alzira arrasta a cadeira de braços para mais perto, e senta-se nela. Todas então começam a cortar figuras e a pregar no album.*)

ALZIRA — Vai ficar um album lindo, este ! E' pena que tenhamos de dá-lo.

FRANCISCA — É sim.

HILDA — Poderíamos ter na nossa sociedade uma biblioteca, e pô-lo lá, mas mamãe sugeriu que dêssemos às crianças do hospital; se resolvermos outra coisa, ela ficará desapontada.

ALZIRA (*suspendendo uma figura*) — Vejam, que menino engraçado !

FRANCISCA — O' Hilda, êle se parece com seu irmão.

HILDA — Deixe-me vêr. E é mesmo, gente ! O mesmo nariz chato... (*Nisto a cadeira de L. Roberto se mexe.*)

ALZIRA — Ah ! eu dou graças por não ter irmãos. Êles são um tormento.

FRANC. E HILDA — Se são !

ALZIRA — Luiza me contou que seu irmão caçôa da nossa sociedade cada vez que nos reunimos.

HILDA (*indignada*) — Será possível ?!

FRANCISCA — Eu não ligo, porque é só inveja da parte deles. (*A cadeira de L. Roberto se mexe.*)

HILDA — O L. Roberto também caçôa de mim e diz (*remedando o irmão*) "Maninha, sua sociedade de boas ações, pratica, mesmo, ações boas ?".

ALZIRA — Nenhum menino seria capaz de fundar uma sociedade como a nossa.

FRANCISCA — Os meninos são muito egoistas e não se importam com o bem-estar alheio ; e isto me fez lembrar, o que daremos na nossa cesta de agradecimentos, este ano ?

ALZIRA — Mamãe me deixará pôr boas cousas nela.

FRANCISCA — A minha também.

HILDA — Vamos enchê-la de frutas, doces, salgados, amarrar uma fita na ponta e colocar um cartão com estes dizeres — "Com amor".

FRANCISCA — Para quem havemos de dá-la ?

ALZIRA — Acho que deve haver alguém aqui por perto de nós que esteja precisando muito.

HILDA — Esta cesta mostra que temos bom coração, e que desejamos ajudar os outros. (*Ouve-se um barulho*). Que é isto ? (*As outras meninas olham espantadas*).

ALZIRA — Eu também ouvi alguma coisa...

FRANCISCA — Penso que é do rádio. Com o calor eles fazem uns barulhos exquisitos, estalam...

ALZIRA — Com o calor, tenho vontade de ser índia, para andar no mato, e pular no rio...

FRANCISCA — Ah ! Você está falando, mas, se aparecesse aqui, agora, um bando de índios, com u'a machadinha na mão, prontos para nos matar...

HILDA — Ui... Imaginem só, um todo pintado, entrando devagarinho... devagarinho... cada vez mais perto. (*L. Roberto sai devagarinho. Ele tem o rosto pintado e veste-se como índio*).

L. ROBERTO (*num tom ameaçador*) — Como ! (*As meninas, ao vê-lo, gritam alto e Alzira corre para perto de Hilda*).

HILDA (*muito zangada*) — Luiz Roberto, que significa assustar-nos desta maneira ?

L. ROBERTO (*rindo-se com gosto*) — Que susto, hein ! Coitadas ! (*As meninas voltam cada uma para seus lugares, todas muito ofendidas*).

FRANCISCA — Não vejo nada de graça nisso.

HILDA — Nem eu. Queria que caíssemos sem sentidos para vêr o que você faria.

L. ROBERTO — Ha ha ha... Ha ha...

HILDA — De que modo veio aqui ?

L. ROBERTO — Eu estava escondido alí, atrás da cadeira. Estive alí todo o tempo.

FRANCISCA — Você ouviu o que estávamos conversando ?

L. ROBERTO — (*rindo-se com mofa*) De certo ! (*As meninas entreolharam-se*).

HILDA — (*com indignação*) — Não queremos saber.

L. ROBERTO — Nem que eu lhes dê uma idéia sobre um ato de bondade ?

ALZIRA — Pois, explique-se, então.

L. ROBERTO (*Puxando a cadeira à esquerda e sentando-se*) — Somente um minuto, e eu contarei o meu plano.



HILDA — Por que não tira essa pintura e essas penas ?

L. ROBERTO — Porque eu gosto delas. (*Recostando-se*) Bem, estavam falando aí sobre o dia da "cesta agradecida", não é ? Fazer uma boa ação para alguém que está necessitado. De-sejo dizer que acho essa idéia ótima.

FRANCISCA — Acha mesmo ?

HILDA — Sériamente ?

L. ROBERTO — E', e eu sei justamente quem é a pessoa que precisa — uma pobre mulher que mora aqui pertinho. Se soubessem da sua necessidade, estou certo de que já a teriam ajudado.

HILDA — E ela mora sozinha ?

L. ROBERTO — Não ; tem alguns filhos, porém, eles quasi não a ajudam, principalmente a filha.

ALZIRA — Mas não a ajudam ?

L. ROBERTO — Eu a tenho visto tão cansada a ponto de não se aguentar de pé. Ela trabalha todo o tempo e ninguém lhe agradece.

HILDA — Que filha preguiçosa essa !

L. ROBERTO — Quero que façam alguma coisa por ela. Esta pobre mulher nunca tem um vestido novo e nem tempo para sair.

FRANCISCA — Isso é muito triste, não acham, Hilda e Alzira ?

HILDA — Estou pronta a ajudá-la no que puder.

ALZIRA — Onde a encontraremos ?

L. ROBERTO (*levantando-se*). Na cozinha. Vou chamá-la (*vai à porta à direita e chama: mãe, faça o favor, venha cá um instante*).

D. MALVINA — Já vou, Roberto.

HILDA — (*puando*). Olhe aqui, L. Roberto, se você está pensando que nos vai pregar mais peças está enganado.

L. ROBERTO — Não estou brincando, não, absolutamente. Pense bem no que eu disse e veja se não é verdade. Mamãe trabalha e trabalha sem parar e está sempre cansada. Com a festinha, no "dia da cesta" é ela quem mais se cansa. Reconheço a minha indiferença mas já estou resolvido a emendar-me. Você não reconhece o quanto ela trabalha e nem se lembra de que deve ajudá-la.

ALZIRA (*pensativa*) — Minha mãe também está em casa trabalhando... Estou admirada de não me ter lembrado disso, antes...

L. ROBERTO — Eu penso que é tão louvável fazer-se uma boa ação em casa, quanto fora.

D. MALVINA — (*Entrando*). Que é meu filho ? Como vão, meninas ?

HILDA — Mamãe, nós queremos dizer-lhe, que — isto é. L. Roberto veio à nossa reunião hoje, e, falando-se em praticar boas ações e ajudar os outros, êle e eu decidimos de ora em diante ajudá-la no serviço da casa, e deixar que a senhora descanse um pouco.

ALZIRA — Francisca e eu, vamos fazer o mesmo às nossas mães.

FRANCISCA — A's vezes, uma cesta cheia de auxílio vale mais que uma cheia de gulodices e mais coisas. (*Risos*).

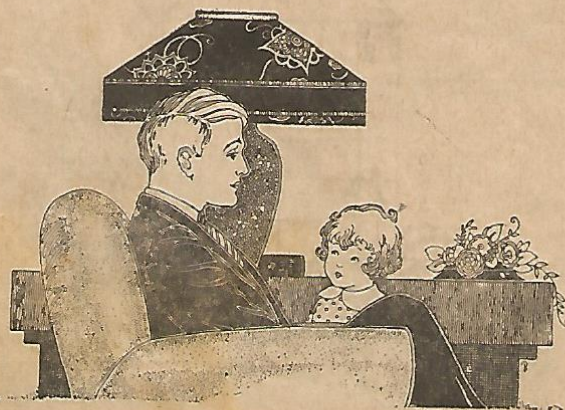
D. MALVINA — Bem, é uma boa idéia e estou certa de que suas mães a apreciarão tanto quanto eu. As mães sempre estão cansadas e eu penso que os filhos, querendo, podem ajudá-las bastante, todos os dias.

L. ROBERTO — Agora sim, acho que a sociedade de vocês deu um bom passo, visando beneficiar as mães, tão comumente esquecidas pelos filhos ingratos. Parabens pela decisão hoje tomada.

HILDA — E tudo graças ao Roberto !

ALZIRA — Graças mesmo.

(CORTINA)



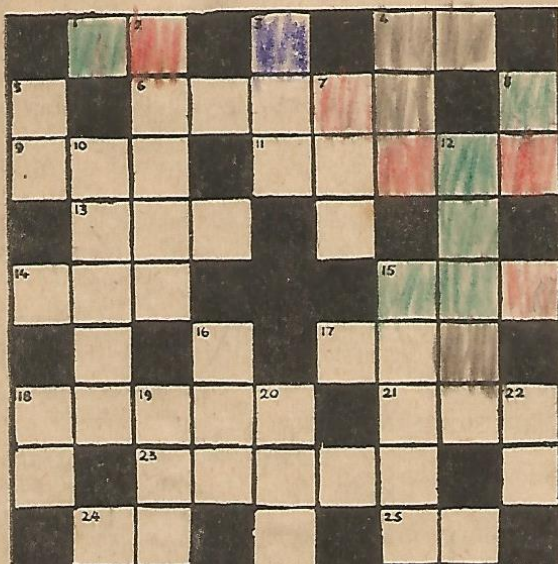
PAPAI (*Para a filhinha Lúcia*)

Eu gosto muito	Quando ele volta,
Do meu papai.	Fico contente,
E fico triste	Porque ele gosta
Quando ele sai.	Muito da gente.

Corro a encontrá-lo
Logo que o vejo.
Dou-lhe um abraço
E dou-lhe um beijo !

Alceu Osias Martins.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTALAIS

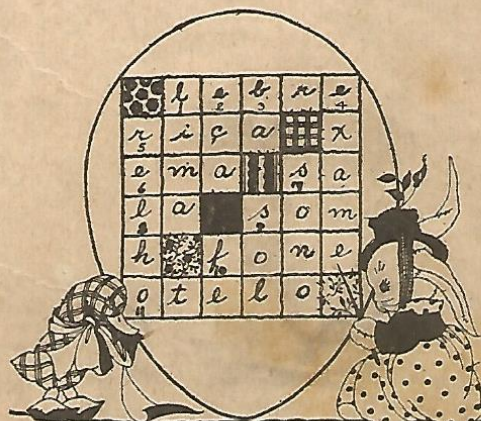
1. Instrumento em que se recolhe o lixo, à medida que se varre.
4. Rio da Itália.
6. Assembléia ; houve uma que se chamou ...de Worms.
9. Espécie de manto usado pelos devotos e irmãos de contrarias para assistir a festividades religiosas.
11. Planeta.
13. Primeiro nome da capital do maior país da A. do Sul.
14. O que há de mais amargo.
15. Nome de mulher.
17. Verbo ter na 3.^a pes. do sing. do pres. do Ind.
18. Formiga que é o terror dos nossos lavradores.
21. E' conduzido pelas ondas de ar ; não existe, pois, no vácuo.
23. Qualidade de tecido.

24. Metade de qualquer raiz.
25. Interjeição que exprime dor.

VERTICAIS

2. Nome de mulher.
3. Homófono de sem.
4. Companheiro.
5. Pena.
7. Sobrenome de Fulano.
8. Base ; membro do corpo.
10. Uma cor.
12. Faço quando sinto frio ou medo.
15. Animal que se caracteriza pela sua lentidão.
16. Palavra que, junta ao denominador de uma fração, equivale a desinência de um número ordinal ; partícula.
18. Pronome reflexivo.
19. Artigo indefinido.
20. Altar ; constelação austral perto do Escorpião ; arara.
22. Antônimo de boa.

SOLUÇÃO AO DE ABRIL



A cidade do "Dia de São Nunca"

Estando Marcos a olhar o chão coberto de folhas secas, franziu a testa e começou a pensar — "Como são lindas essas folhas e como são fragéis! E como é agradável ouvi-las estalar sob os nossos pés! Agora, só o que eu não gosto é de ajuntá-las, mesmo que seja com aquele rastelo apropriado. Não faz mal, fica para amanhã".

Com tais reflexões foi andando até que resolveu subir numa cerca e dar um pulo num montão delas. Estava tão fofo e bom ali, que ele se deitou, e como o dia estava quente, passou por um sono.

E sonhou.

Tó-que-tó-que, tó-tó-que; Tó-que-tó-que, tó-tó-que. "Que será isto?" Sentou-se assustado e viu na sua frente um cavalo bem pequenino, todo branco, e sobre ele, um anãozinho. Que homenzinho engraçado", pensou. "É um verdadeiro anão".

— Deseja dar um passeio? perguntou-lhe o anão.

— Como não!

E assim falando, Marcos pulou sobre o cavalinho, segurou com bastante força no companheiro e lá se foram.

O cavalinho corria para trás. Acharo aquilo muito exquisito, o menino perguntou ao anão: Desse modo chegaremos a algum lugar?

— Chegaremos, sim; para onde nós vamos não se conhece a palavra "pressa"; é para a cidade do "Dia de S. Nunca".

"Não conheço esse lugar... nunca ouvi falar dele, onde será" pensou o menino.

Tendo o cavalinho galopado um bom tempo, Marcos começou a ouvir um som que lhe era muito familiar — o de folhas secas pisadas. E' que estavam agora numa estrada tão cheia de folhas secas, que o cavalinho, às vezes, quase não podia andar. O partir das folhas sob o casco do animal, produzia um som todo característico e agradável.

— O povo aqui nunca limpa esta estrada? perguntou o menino.

— Não, essa estrada chama-se "Fica para Amanhã". Ela dá certinho na cidade para onde vamos.

Daí a pouco, foram aparecendo casas, uma aqui, outra ali; todas, porém, com aparência feia e desoladora. Uma delas estava sem pin-



tura, outra ainda por acabar. E Marcos tendo tido delas uma impressão muito desagradável, perguntou ao anão o motivo daquilo.

— E' porque a dona delas é a "D. Preguiça", foi a resposta. Chegámos, disse o anão. Esta é a cidade do "Dia de S. Nunca". Um lugar lindo e confortável para se morar.

Todavia Marcos achou que não era muito lindo não, pois ao olhar em redor, viu, primeiro, uma casa meio caída e com as janelas quebradas; depois outra, com as portas sem fechadura e plantas crescendo nas fendas, desordenadamente; viu ainda uma terceira com a chaminé caída, outra ainda com as paredes sujas de lama, e com marcas de dedos sujos; à porta estava uma senhora balançando-se bem sossegadamente.

— Por que tudo é assim na mais completa desordem? perguntou o pequeno, sentindo-se mal naquele meio.

— E' simples, disse o anão a sorrir. Os proprietários dessas casas são: o "Snr. Indolente", a "Snra. Nada Fazer" o "Snr. Daqui a Pouco" e o "Snr. Depois".

A última casa que Marcos viu, então, estava num estado lastimável, a cair sobre a casa vizinha; entretanto a proprietária, a "Snra Demora" nunca havia pensado em consertá-la.

Marcos ficou triste e sentiu profunda angústia no coração.

"Neste lugar ninguém trabalha, as pessoas que vejo são carrancudas e parecem tão infelizes... Não gosto

daquí". E, ao falar assim, ouviu um forte som de alguma coisa que se partia. Olhou imediatamente para cima e viu que sobre sua cabeça vinha



caindo um galho de árvore. (Este galho estava "cai-não-cai" desde o dia em que desabou forte tempestade, derrubando também aquela casa de "D. Demora").

— Sai, disse Marcos, batendo o pé no cavalinho. Ele, porém, não podia sair, por causa da quantidade de folhas que havia no chão.

— Sai, berrou novamente e com mais força.

Mas nesse instante o galho caiu, direitinho sobre ele. Com a dor e com o susto, deu um berro mais forte ainda e... acordou. Fora um sonho! Tivera um pesadelo. Uf!

Ainda meio tonto, abriu bem os olhos e viu uma fruta no chão perto do seu peito.

"Ah, já sei. Então foi isto o galho que caiu em mim!"

Levantou-se, não sem muito custo e, refletindo em tudo o que acontecera, tratou de limpar o chão, e desse dia em diante nunca mais deixou por fazer aquilo que podia ser feito na mesma hora.



S E C Ç Ã O D O S

Aquela cabecinha só pensava em diabruras.

Foi num sábado. A vovó estava no quintal, atarefadíssima, fazendo sabão com o sebo e com a soda que o porquinho tinha ido comprar. O fogo crepitava e vovó com uma enorme colher de pau mexia o tacho para não derramar.

O Arteiro andava alí por perto planejando uma arte. Ah! Se ele soubesse que fim iria ter!

Imaginem. Achando que já tinha trabalhado bastante, resolveu dar um passeio pelo campo, sem vovó saber, temendo que ela lhe desse mais serviço. Coitado!



Ouvindo a vovó dizer: "Já está quasi pronto, acho que saiu muito bom. Agora vou descansar um pouco enquanto esfria para depois eu cortar em pedaços", não esperou mais.

Saiu depressa; riu consigo mesmo, um risinho malicioso, e foi contente. Desceu a estrada, assobiando uma cançozinha muito alegre; depois, parou perto duma árvore e pensou: "Agora vou trepar lá no alto. Como é bom fazer o que a gente quer". Nisso ouviu um barulho muito esquisito. Gritou por socorro, mas não houve

O Porquinho



tempo. Uma águia enorme desceu direitinho sobre ele, agarrou-o com seu forte bico e, prendendo-o nas garras, voou imediatamente.

"Vovó! Vovó! Acuda! Socorro, vovó!"

O pobrezinho do Arteiro tremia todo, pois bem sabia ele que a águia ia banquetar-se à sua custa.



PEQUENINOS

Arteiro

— Largue-me, d. Águia, por favor, por misericórdia! suplicava ele, es-
perneando o mais que podia.

E, como era muito gordinho, a águia não aguentou segurá-lo e ele caiu. Revirando e cambalhotando, veio ele e foi cair direitinho dentro do tacho de sabão da vovó — *Splash!*

— Barbaridade! Que é isto, meu netinho? exclamou a vovó, muito



assustada. Não sabia que você gostava tanto assim de sabão!

Mas o porquinho começou a chorar porque o sabão ainda estava um pouco quente e queimou-lhe o couro, principalmente os olhos e as orelhas.

Vovó correu e tirou-o bem depressa. Com os olhos ainda arregalados de tanto susto, contou o caso à vovó e mostrou estar muito triste com seu comportamento.



A vovó, acalmando-o, deu-lhe um beijo, mas no íntimo ela se regozijava, pois em toda a sua vida, ele nunca ficara tão limpinho como desta vez.





Página dos Pais

NOSSO LAR

Extr. do livro "CORACÕES FELIZES" por Eula K. Long.

OS ALICERCES DO LAR FELIZ

Um lar feliz ! Oh quão importante é que os jovens, que se unem para fundar novos lares, saibam lançar alicerces que garantam um edifício estável, capaz de enfrentar qualquer temporal ! Um lar feliz — três pequenas palavras mas quanto significam para o futuro da família, quanta alegria e satisfação encerram !

Dinheiro, beleza, renome, posição ; será certo que qualquer desses requisitos assegura a felicidade ? Muitos e muitos os teem empregado como alicerce do seu lar... mas serão felizes ?

O dinheiro assegurará conforto, prazeres, luxo, instrução para os filhos, satisfação dos desejos materiais — sim, o dinheiro proporciona muitos objetivos desejáveis e essenciais. Mas também pode aniquilar a iniciativa que robustece o caráter, destruir o anseio pelo desenvolvimento intelectual, perturbar a tranquilidade do espírito e roubar-nos a confiança na sinceridade dos amigos a parentes. E sem esses requisitos, que vale o resto ?

A beleza, — quantos há que estabelecendo os seus lares sobre a fascinação de rostos cativantes e formas esbeltas que bastaram à satisfação de sua paixão, vaidade e egoísmo, não descobrem com o tempo que o seu edifício está ruindo sobre a areia movediça que lhes serviu de alicerce ?

Posição, renome — são alicerces sobre os quais a ambição de muitos jovens constroi o edifício de sua felicidade para os ver desmoronar aos poucos, deixando-lhes apenas ruínas, remorsos e desiloses.

Dinheiro, beleza, renome, posição ; nenhum desses materiais oferece a garantia dum lar feliz e estável. Há um só alicerce permanente e inquebrável — o amor, que simpatiza, que demonstra confiança, que toma parte na solução dos problemas da vida, que suporta erros com paciência, que sofre sem se queixar ; o amor, que esquece e perdoa, que não tem inveja, que floresce tanto no meio das dificuldades e quando tudo o mais se evola, como nos dias sorridentes do prazer e da prosperidade.

Sim, porque a-pesar-de um velho ditado proclamar que o amor sai pela janela quando a pobreza entra pela porta, a prosperidade tem destruído tantos lares como a própria pobreza.

Não é cego esse amor que serve de base ao lar feliz ; ao contrário, tem mil olhos que penetram toda a crosta de superficialidades e defeitos para descobrir no ente amado a nobreza e o bem que jazem escondidos aos olhos do mundo. A paixão, essa sim, é cega, egoísta, implacável nas suas exigências ; capaz até de tirar a vida ao ente por quem se apaixonou, enquanto que o amor, resignado e generoso, sacrificaria a própria vida pelo ser amado.

A paixão é transitória em seus aspectos ; satisfeita, desvanece-se e desaparece, qual o perfume de uma rosa que trazemos ao peito durante o calor do dia. O amor verdadeiro é permanente e inalterável ; vê no matrimônio não a miragem dum Paraíso impossível de se alcançar, mas uma bela aventura em que dois entes, unidos material e espiritualmente, enfrentarão problemas e vicissitudes na vida ; e animados por um espírito de paciência e sacrifício, farão da vida um todo harmonioso que lhes dará uma recompensa invisível e que o mundo nunca lhes poderá roubar.

A ARGAMASSA PARA O LAR FELIZ

Se o amor constitue o alicerce do lar feliz, a argamassa deve ser o *bom-senso*. Vão sempre unidos esses dois ; o amor, as pedras ; o bom-senso, o cimento que as liga, dando-lhes estabilidade.

Quantos casais não começam a vida em iguais condições quanto a recursos, preparo e amor, e no entanto, no fim de alguns anos, num dos lares reina a alegria, a esperança, a tranquilidade, e no outro, a irritação, o desânimo, a desarmonia. E' que este último casal, a-pesar-do seu amor, não soube, por falta do mais elementar bom-senso, ajustar as suas boas qualidades, negligenciar as menos nobres, orientar a sua vida, enfim.

.....

O aspecto mais lamentável desta questão, conforme uma escritora moderna, é que em muitos casos, quando esses casais vivem em desarmonia, quebrando os votos assumidos perante o altar, nenhum tem grande culpa. Ambos teem razão quanto ao seu próprio ponto de vista, mas não teem o bom-senso

de procurar harmonizá-los, não sabem ajustar-se um ao outro.

Oh! quantas amarguras, quanta desarmonia no lar, quantas máguas não poderiam ser evitadas, se os maridos e esposas, ao edificarem o seu lar, argamassassem os alicerces com o bom-senso!

A HARMONIA NO LAR

Se é necessário que o amor e o bom-senso existam lado a lado para haver a harmonia no lar, ainda mais necessário se torna quando há filhos, cujo futuro dependerá em grande parte do ambiente em que nasceram e foram criados.

Ninguém negará que é indispensável à felicidade da criança o amor dos pais; mas importa igualmente que ela veja a harmonia existente entre eles. "...As contendas dos pais dilaceram a vida íntima da criança, ao passo que muitas discórdias, que os pais julgam ocultar, são percebidas pelos filhos que ainda não sabem exprimir a dor que lhes causa o dissídio dos pais, mas já lhes sofrem as consequências" (Sayles).

Oh! ao menos por amor dos filhos, os pais devem esforçar-se por viver em harmonia, fazendo concessões mútuas e enterrando o seu orgulho, ainda a custa de algum sacrifício!

O LAR IDEAL

O lar ideal, o lar no qual imperam o amor e o bom-senso, será, em primeiro lugar, um *porto de abrigo*, onde podemos ancorar os barcos dos que nele vivem.

Que o mar da vida, onde navegam, os fustigue com suas ondas de tentações e adversidades, que encontrem temporais de desgostos, dúvidas e ansiedades, é natural; mas por isso mesmo, no lar sereno e inabalável devem os seus donos encontrar descanso para os corpos e sossego para os espíritos. Haverá homem que, terminada a lida e a azáfama do dia não anseie por atingir tal porto?

ORAÇÃO INFANTIL

"Agora me deito para dormir
Guarda-me, ó Deus, em teu amor.
Se eu morrer sem me acordar
Recebe a minha alma, ó Senhor".
Amém.



O lar deve ser um *aprisco* onde a criancinha, qual ovelha indefesa, é protegida contra os lobos vorazes do mundo: mentira, inveja, obscenidade, materialismo. Aos pais, verdadeiros pastores do rebanho, compete ensinar a criança a distinguir esses lobos, ainda que estejam vestidos como anjos de luz; a eles compete incutir os sentimentos de honradez e integridade que servirão de escudo contra as investidas desses lobos espirituais.

Falha, porém, em sua missão, o lar que não procura ser mais do que porto seguro ou aprisco. Para que a criança saia preparada para combater e vencer na luta pela vida, o lar deve organizar-se qual *campo militar*, disciplinando na sua cidadela soldados fortes, armados com a pureza, a bondade, a dignidade e o domínio de si mesmo.

O lar deve ser a *primeira escola* da criança. Nele poderá aprender mil lições que a professora não terá ocasião, nem tempo para lhe dar... Os pais, aproveitando a hora das refeições, os passeios e os trabalhos na cozinha e no jardim, poderão incutir desde cedo muitas lições valiosas para os filhos.

O lar deve ser uma *fi-ma* em que participam como sócios ativos o pai, a mãe e os filhos, cada um assegurando com o seu esforço individual e sua prontidão em cooperar, o êxito da sociedade.

Finalmente, o lar deve ser um *santuário*, onde a presença de Deus é reconhecida e invocada; um altar ao pé do qual a criança aprende a amar a Deus e servir o próximo; uma escola prática de religião, em que os pais ensinam não só por palavras e admoestações, mas também fornecendo exemplos vivos de bondade, pureza e amor ao Pai Celeste.

O pioneiro debaixo das árvores da mata virgem, o cigano na sua carroça, o pobre na choupana humilde, o milionário no seu palacete — sejam as paredes da sua habitação as árvores da floresta, os taipaís duma carroça ou o mármore do palácio — cada um pode fazer da sua morada um lar honrado e feliz.

BRASILEIROS ILUSTRES

JOAQUIM NABUCO — O ABOLICIONISTA

Sei que vocês todos gostam muito de nossa terra, do nosso Brasil colosso, do nosso Brasil gigante, não é verdade? Mas já pensaram por ventura em como ele se tornou assim tão grande? Isto é que devem querer saber.

O país, cujo nome é conhecido e respeitado, teve por certo filhos que o tornaram digno. E o Brasil também os teve, filhos ilustres que o glorificaram, filhos valorosos que o engrandeceram, filhos que devem ser conhecidos, respeitados e amados por vocês e cujos exemplos aí estão a lhes indicar o caminho. Tenho certeza de que todos os bem-te-vistas têm prazer em conhecer alguns feitos dos patrícios nossos que, sem dúvida, lhes encham o coração de orgulho por terem concorrido para a grandeza do nosso Brasil.

Vamos hoje falar sobre Joaquim Nabuco, o abolicionista.

No dia 19 de Agosto de 1849, às 8 e meia da manhã, à rua Aterro da Boa Vista, n.º 39, na cidade de *Massangana*, Recife, nasceu um menino. Sua mãe quis que lhe dessem o nome do santo do dia; chamou-se, pois, Joaquim. Fora num domingo. E esse foi o quarto filho de José Tomaz Nabuco de Araujo e sua mulher d. Ana Rosa.

Quando o pequenino tinha 4 meses, seguiu seu pai acompanhado pela família, para o Rio de Janeiro onde tomaria assento na Câmara. O nenézinho, entretanto, ficou com os padrinhos, sendo restituído aos pais somente 3 anos depois quando estes voltaram ao Recife. Assim lhes escreveu o padrinho: "*Vai o seu pequeno como pede. Estimarei que chegue a salvamento; é muito travesso e galante. Acompanha um crioulinho de nome Marcos, que nós doamos ao menino por ser de sua simpatia*".

A madrinha, porém, não suporta a ausência do afilhado; volta então, o Quinzinho a fazer-lhe companhia e com ela fica até sua morte, em 1857. Era tal a sua dedicação pelo menino, que lhe faz todas as vontades, até aquela de não castigar os escravos, a pedido do afilhado, muito sensível e amoroso.

A madrinha amava-o demais. De sua infância Nabuco guardou muitas recordações, das quais uma nunca lhe saíria da memória — um escravo desconhecido, que, fugindo de um senhor cruel, viera atirar-se a seus pés, pedindo para servi-lo. O caso foi impressionante. A madrinha comprou-lhe o negro. E no coração de Joaquim vai-se formando o ideal de dedicar-se a esses coitados.

Antes de completar oito anos passou pela grande tristeza de perder a madrinha. Volta então, a morar com os pais, no Rio. Até ali fora como que filho único, mas agora, entre três irmãos mais velhos e uma menor, sente-se um tanto estranho. À chegada, fazem-lhe festas, observam-no, e aaminam-no curiosos,

admiram-se de seus progressos, de modo que não lhe foi muito facil sentir-se em sua própria casa.

Em companhia dos irmãos continuou seus estudos. Aos 10 anos entra no Colégio Pedro II. Suas notas são as melhores. Mas detesta a vida de internado. Diz um seu colega que ele pouco estudava mas com grande facilidade aprendia tudo. No 2.º e no 6.º ano do curso consegue distinção em todas as matérias.

Já a este tempo Joaquim sabe muito bem quem é seu pai — o senador Nabuco. "Não havia coisa mais difícil no Rio do que chegar até ele, interromper um momento seus estudos, vencer a defesa atrás da qual se fechava com seus trabalhos, os de advocacia, os do Consulado de Estado ou os da elaboração do Código Civil, que sua morte interrompeu".

E a maior influência na vida de Joaquim Nabuco foi a de seu pai, e a seu exemplo, foi ele também um grande estadista.

Joaquim Nabuco tem gosto pela composição, pela poesia. Aos 15 anos faz amizade com Machado de Assis, então com 25. Em 1865 termina o curso de bacharel pelo Colégio D. Pedro II e começa seus estudos de direito. Naquele tempo havia no Brasil apenas duas faculdades de direito, uma em S. Paulo, outra no Recife. J. Nabuco inicia o curso nesta e termina naquela.

E com os seus 16 anos apenas, na cidade de S. Paulo, quasi que exclusivamente académica, sente-se senhor absoluto de si mesmo. Dedica-se às letras de corpo e alma. Era seu colega o grande Castro Alves que, como ele, defendia sempre a causa dos escravos. Embora ainda estudante de direito, Joaquim Nabuco é constantemente convidado a falar nas associações de estudantes, a comemorar esta ou aquela data. E como era aplaudido!

Em 1868, a turma do 3.º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, foi provavelmente a mais notável de que se pode orgulhar qualquer escola do Brasil. Figuravam nela Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Castro Alves e dois futuros presidentes da República, Rodrigues Alves e Afonso Pena. Que turma distinta! Nessa ocasião era professor na Faculdade, José Bonifácio, o Moço, que exercia sobre essa brilhante mocidade o prestígio das suas tradições de família e do seu próprio talento. Não podia, pois, deixar de inspirar admiração e entusiasmo, a tais discípulos.

Voltou então a fazer os 2 últimos anos em sua terra. Aí começou a escrever o seu primeiro livro, que não podia deixar de ser sobre o que mais o havia impressionado desde a infância — a Escravidão. Em uma carta que escreveu ao seu querido pai, encontramos o seguinte.

"Há uma glória única que sonho para Vm. neste país. Ouero que seu nome esteja debaixo do decreto que acabar com a escravidão". Por aí vemos que o sonho de Joaquim Nabuco era libertar o Brasil dessa mancha tão feia que lhe não deixava brilhar o nome como devia. Entretanto, não encontrou em Pernambuco o mesmo ambiente que deixara em S. Paulo, companheiros entusiastas, de idéias liberais, e que como ele, sonhavam com um Brasil que reconhecesse o negro como gente.

O senador Nabuco, informado de como seu filho fora aplaudido na defesa de um escravo, escreve-lhe: "*Meu caro filho do coração, recebe os nossos abraços e felicitações pelas brilhanturas que aí tens feito e pelas quais te is alcançado grande reputação e renome. És o meu orgulho; és o futuro de tua família e a esperança da Pátria*".

A sua verdadeira vocação era sem dúvida a política. Interessava-se profundamente pelos problemas sociais e nacionais e lia com interesse os livros que tratassem do assunto. Em 1870 recebe o diploma de advogado mas logo depois da primeira causa que defende desiste da carreira por ver que falhava a justiça e não lhe convinha semelhante carreira.

Recebe nessa ocasião uma herança que a madrinha lhe havia deixado. Emprega-a numa viagem à Europa, pois sempre se mostrou desejoso de viajar e conhecer muito. Antes de tornar ao Brasil, passou pela forte dor de perder o pai. "No culto que Joaquim Nabuco dedicou ao pai, enquanto vivo, e conservou à sua memória, é difícil discernir o sentimento mais forte, se o carinho espontâneo, se a admiração conciente, se o orgulho de filho, se a veneração de discípulo".

Vai ele agora entrar na política. Começou em sua província a pleitear a eleição. E logo de princípio afirma: "A grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão". E essa sua idéia dominante de — guerra à escravidão — havia de custar-lhe muito, muito.

Em 1878 toma assento na Câmara representando Pernambuco. Continua então, com ardor, na defesa do seu ideal. Não perde oportunidade de falar e todos gostavam imensamente de ouvi-lo. Além de sua bela figura, era eloquente, sabia dominar as massas com voz metálica e palavras persuasivas. Mas não é só no parlamento que Nabuco discute o seu ponto de vista. Faz propaganda pelos jornais, desperta a consciência do povo. Seus companheiros de idéia, senadores alguns, também não sossegam. O parlamento reprime severamente a propaganda abolicionista, mas mesmo assim ela prossegue. Nabuco fala que enquanto os abolicionistas, diziam: "*O negro é um homem, não pode ser uma propriedade*". Rebouças, o seu amigo e defensor da mesma ideia, ensinava: "*O negro é um irmão, deve pertencer à nossa família*". Havia também Sodré, Patrocínio, Gama, Lobo, Serra, Souza e outros muitos. Um dos planos

de Nabuco foi formar sociedades antiescravagistas, pois associações emancipadoras, instituições caridosas com o fim de proteger e remir escravos já existiam naturalmente no Brasil. Queria Nabuco convencer os senhores de escravos que o trabalho livre é infinitamente superior, a todos os respeitos, ao trabalho forçado e não retribuído. Contudo, os senhores conservavam-se inflexíveis, alegando que a lavoura correria perigo. Formam-se, então, sociedades da lavoura.

No R. G. do Sul é grande o movimento abolicionista; fundam ali a *Sociedade Abolicionista Nabuco*. Surge logo a *Sociedade Cearense Libertadora*. E essas adesões entusiasma. No Rio era a *Sociedade Brasileira contra a Escravidão*, sob a direção do próprio Nabuco.

Em 1880 parte ele novamente para a Europa, mas agora com o fim de conhecer de perto as sociedades anti-escravagistas da Europa e estudar a sua organização e o seu modo de ação. Visitou Portugal, Espanha, França e Inglaterra. Em Paris procura Vitor Schoelcher, o ancião que dedicava sua vida à libertação dos escravos nas colônias francesas, tendo sido ele mesmo quem redigiu o decreto da emancipação em 1848. Pouco depois da passagem de Nabuco, Scholcher, presidindo ao grande banquete aniversário da abolição da escravidão nas colônias francesas, falou, referindo-se ao Brasil: "*O Imperador do Brasil, que, segundo dizem, é um homem libera', deve sentir-se crueimente humilhado por ser o único soberano do mundo civilizado que reina sobre escravos*".

Não sendo Nabuco no ano seguinte reeleito por causa de seu ideal (e foi essa a única legislatura das 21 do Império desde a Independência até a República, em que não figurou o nome dos Nabuco de Araujo.) exila-se temporariamente do Brasil. Segue para a Inglaterra, tencionando ali levantar à memória de seu pai o monumento de publicarlhe as obras e a vida. E, sem descuidar da causa pela qual se debatia, escreveu o livro: *O Abolicionismo*.

Do Brasil chamavam-no os do partido liberal. Era preciso que estivesse no Parlamento afim de pronunciar a última palavra sobre a Abolição, já que havia pronunciado a primeira.

Volto, pois, ao Brasil, mas em extrema debilidade nervosa. Encontrou a causa que defendia muito bem encaminhada, procurando os seus chefes dirigir-se diretamente aos algozes e não aos escravizados, pois deste modo criavam neles o arrependimento, o remorso e o desejo nobre de reparar injustiças. Muitos fazendeiros se manifestaram mais ou menos nestes termos: "Já temos vergonha de possuir escravos". ou "Pensam que só eles têm coração... hei-de mostrar-lhes que também eu tenho!".

Antes da nova eleição Nabuco andou por muitos lugares, não à cata de votos, antes, expondo claramente o seu programa. O seu

proceder mereceu de Rodolfo Dantas a seguinte apreciação: "*Está você dando um novo exemplo e excelente lição a este país, onde o pleito eleitoral reduziu-se ou a uma imposição de chefes, ou a um mendigar de votos da maior humilhação para o candidato*".

Antes de sua eleição Nabuco proferiu muitos discursos em lugares diversos, sendo ouvido por milhares de pessoas que o acompanhavam incansáveis de um lado a outro da cidade e Nabuco, tendo palavras adequadas às diferentes classes sociais, a todos, mostrava a necessidade da abolição. Cantavam pelas ruas um hino abolicionista cujo estribilho proclamava: *Nabuco é nosso fanal*. "Nabuco fascinava as multidões, arrastando-as no seu entusiasmo, e espalhando a centelha da redenção que, alastrando-se pelo país inteiro se fez o raio que decepou a velha árvore da escravidão".

Nabuco nasceu orador e sua eloquência o celebrizou; pela idéia humanitária que defendia, aliada ao seu porte esbelto, às suas maneiras corretas, olhar inteligente, sorriso espirituoso, e muita imaginação, exercia sobre as massas uma fascinação natural.

A recepção que teve no Rio, vindo de Recife, foi estrondosa. As sociedades abolicionistas, com seus estandartes, iam à frente da manifestação; os estudantes procuravam desatrelar o carro de Nabuco para puxá-lo a braços.

E Nabuco tomou novamente assento na Câmara e desta vez "*Sob uma chuva de flores*", Mas o ambiente do Parlamento não lhe era muito favorável. Em 1887 tenta ainda no Recife um esforço para ressurgir a aspiração que representava. Conseguiu fundar ali a *Sociedade Pernambucana contra a Escravidão*.

Nabuco não esmorecia ante os obstáculos.

Afinal os escravos começaram a interessar-se pelo movimento. Já não se podia conter a fuga dos cativos que abandonavam as fazendas com a conivência das sociedades protetoras de escravos. E assim o movimento foi tomando tamanho vulto que era duvidoso poder o ministério escravocrata manter-se por mais tempo.

Aconteceu que o imperador, D. Pedro II, adoeceu gravemente, indo à Europa procurar melhoras. Ficara o governo nas mãos de sua filha d. Isabel. Pareceu, então, a Nabuco, ter chegado a hora suprema, em virtude do coração bondoso e maternal da princesa. Para convencê-la, lembrou-se de apresentar a questão sob o lado religioso. Foi à Roma e conversou com o papa Leão XIII que o ouviu com muita simpatia, achando justo o apôio que lhe solicitava. E nesse ano de 1888, Leão XIII se manifestou de modo especial em favor dos escravizados. No Brasil produziu o efeito desejado. Os senhores de escravos faziam libertações em massa. S. Paulo, comemorando o aniversário de Antônio Prado, libertava-se também.

A princesa Imperial promovia festas e subscrições em favor da libertação de Petrópolis. Os príncipezinhos, netos de D. Pedro II, mostravam-se francamente abolicionistas no jornalzinho que eles mesmos imprimiam no Paço, para os pais e os íntimos.

O Brasil exigia o decreto que não podia demorar-se mais. No dia 8 de Maio era apresentada à Câmara a proposta do Governo. E mais uma vez Nabuco toma a palavra; o povo entusiasta, rompe em ruidosas e prolongadas aclamações, dentro e fora do recinto. Eis como Patrocínio o descreve nesse momento supremo:

"Chega à janela Joaquim Nabuco e o povo o vitoria com esse entusiasmo que só a fidelidade aos princípios sabe inspirar. E' ele o triunfador. Tem os cabelos ainda emplastados de suor e de pétalas. Ereto, imóvel, estático, ali está, grande e solene, como há de ser guardado na memória da gratidão nacional, na estátua que ele mesmo fundiu, com o fogo da sua palavra e o bronze do seu caráter. Depois de um minuto-século, ele volta a si e vê então o povo, descoberto como diante de um ídolo, e levanta vivas à Princesa Imperial".

A 11 de Maio o projeto era apresentado ao Senado onde foi aceito.

"O dia 13 caiu num domingo, mas o Brasil não podia esperar mais 24 horas. O Senado reuniu-se em sessão especial e a Regente desceu de Petrópolis para assinar o decreto que a devia sagrar na história como *Isabel, a Redentora*.

No Paço a emoção cumulativa foi ao auge. Patrocínio, de joelhos aos pés da Princesa, pronuncia um discurso, soluçando. E depois são 8 dias de festejos em todo o Brasil.

A notícia ecoou jubilosamente no estrangeiro também.

Depois desta vitória, Nabuco bateu-se ao lado de Rui Barbosa pela República.

Em meados de 1889 casou-se.

Em 1900 foi nomeado ministro do Brasil em Londres.

Nos seus últimos anos de vida ficou quase completamente surdo, o que muito o entristeceu.

Defendeu o Brasil, com muita sabedoria, na demarcação dos nossos limites com a guiana Inglesa.

Em 1905 vai aos E. Unidos como embaixador. Ali cativa os americanos com os seus discursos, pronunciados em inglês, e com grande facilidade. Trabalha com entusiasmo em favor do Panamericanismo.

Avançando, porém, em idade, sente a morte aproximar-se. Tem saudades do Brasil, não quer acabar os seus dias entre estranhos. Todavia não se cumpriu o seu desejo, pois a morte o colheu em Washington no dia 17 de janeiro de 1910. Seu corpo veio para o Brasil, sendo sepultado em Pernambuco, sua terra. O Brasil todq sentiu dolorosamente a partida deste filho.

Assim escreveu o embaixador francês nos E. Unidos por ocasião de sua morte.

"De há muito ao serviço de seu país, que ele honrava pela nobreza de seu caráter, seu alto senso de justiça e uma elevação de vistas que nenhuma consideração de ordem pessoal jamais conseguia alterar, o snr. Nabuco era cercado aqui da estima, e, posso dizer, da admiração universal".

E a imprensa americana:

"Pela sua afabilidade senhoril, sua diplomacia conciliadora, sua compreensão de todas as questões, sua esplêndida habilidade literária, mas sobretudo pela sua vibrante e atraente personalidade a falta de Joaquim Nabuco será tristemente sentida..."

E muitas foram as palavras elogiosas a seu respeito.

"O único meio em que não quero atravessar o oceano: no caixão", escrevera Nabuco à sua irmã pouco tempo antes. E justamente no caixão foi que pela última vez o atravessou a bordo do cruzador *North Carolina* e escoltado pelo vaso de guerra *Minas Gerais*, arvorando o pavilhão brasileiro. No Rio novas exéquias gloriosas, solenes e nacionais. E do Rio segue o corpo, agora no vapor de guerra *Carlos Gomes* para Pernambuco, onde teria o seu repouso definitivo.

Em Memória de Seu Amor

Quando ainda o Canadá precisava de braços para trabalhar em suas fazendas, iam da Inglaterra, como emigrantes, grupos de homens e mulheres. Numa dessas ocasiões, formou-se um grupo enorme de órfãos, vindos dos lugares mais pobres das grandes cidades inglesas, com o fim de ir ao novo mundo dar o seu concurso.

Pouco antes da partida, cada um recebeu um terno de roupa nova para usar na viagem. Foi grande o movimento de entrega, pois cada um, mais que depressa, procurou enfiar-se no terno novo e saber a opinião do companheiro sobre sua aparência. Em meio àquela algazarra e vozerio, um menino houve que se afastou um pouco dos outros.

O inspetor, avistando-o, aproximou-se dele e o encontra ocupado em tirar com o canivete um pedaço do forro de seu paletó velho.

— Que está fazendo aí? pergunta-lhe o inspetor.

— Quero levar este forro!

— Mas é um trapo!

— Um trapo? Oh! Não! É um pedaço do vestido de minha mãe. Foi ela mesma quem forrou este paletó com seu vestido. É a única lembrança que tenho dela.

E, com muito cuidado e carinho, o menino, agora só no mundo, dobrou o *trapo* e o pôs na algibeira do casaco novo.

Na vida futura que o esperava além do oceano, em lugar estranho, queria o jovem emigrante ter esta lembrança como um tesouro mui precioso. Lembrar-se-ia por certo de sua miséria, de sua infância infeliz, mas surgir-lhe-ia no coração, o amor duma mãe terna, dedicada, cujos cuidados e desvelos pelo filho, não queria esquecer.

Grande é o amor duma mãe! Grande é a sua dedicação que não encontra barreiras! E, felizmente, não raro, grande é o desejo de muitos filhos de honrar a mãe querida enquanto viva e de continuar nos seus sábios conselhos em memória de seu amor.





Filhinho e Snr. Micróbio

(PARA GRANDES E PEQUENOS)



CAPÍTULO VII

O TERRIVEL ANIMAL

O bicho que vinha em direção a Filhinho era de quatro pernas. Cada perna se lhe afigurava enorme como a torre duma igreja. Sobre elas descansava um corpo colossal, tão grande como um edifício; o rabo, comprido como um trem. E a cabeça? Que cabeça! Parecia uma casa, não muito pequena. A boca do animal ficava mesmo onde ficaria a porta, se fosse casa, bem na frente, mas muito maior que uma porta; mais parecia um alpendre. Esse animal estava com a boca aberta e Filhinho pôde ver-lhe os dentes, grandes como colunas que sustentam o teto de uma varanda. A língua húmida que ele pôs para fora da boca, deu-lhe a impressão de ver amontoados meia dúzia de colchões grandes, duros e vermelhos.

O bicho era realmente de aparência medonha. O chão estremecia sob o peso de seus pés.

— Urra! Urra! Ele vem do nosso lado! Que bom! exclamou snr. Micróbio.

Filhinho estava demasiadamente assustado para dizer ou fazer alguma coisa. Limitou-se a se agarrar o mais possível à folha de capim. Snr. Micróbio pulava e agitava os braços como se estivesse chamando o bicho, porém, ele era excessivamente minúsculo para ser visto.



Os micróbios na língua de Fido.

Estando quasi a pisar em Filhinho, o animal parou. Olhou para o capim, procurando alguma coisa. Filhinho podia sentir-lhe o bafo quente. E Filhinho balançou gostosamente na folha que ia e vinha com o sopro de sua forte respiração. Teve até a sensação de estar no mastro de algum bote em águas revoltas.

Filhinho já estava ficando zozinho e temia cair, ou ser pisado pelo enorme animal.

Todavia, lembrando-se dos micróbios em baixo, resolveu ficar onde estava.

De repente o animal deu um pulo e justamente por cima de Filhinho. Por sorte inaudita a pesada pata que vinha como um edifício em desmoronamento, passou rente mas não o atingiu indo esmagar os micróbios. Filhinho não viu mais. Fechou os olhos e agarrou-se com ambas as mãos na folha de capim. Uma rajada de vento quasi o derrubou, à passagem do animal que se ia.

Tudo voltou de novo ao silêncio, exceto o snr. Micróbio que chorava sentidamente como se tivesse o coração despedaçado.

— Oh! Oh! soluçava ele. Por favor, leve-me. Quero ir com você. Não aguento mais ficar. Quero comer.

— Que? Quer ir com aquele despropósito de bicho?

— Sim, quem me dera! Ele me levou toda a família e só eu fiquei!

Filhinho olhou para baixo. Efetivamente não havia ali mais nem um. Tinham ido todos.

— Onde estão?

— Foram-se, respondeu o snr. Micróbio.

— Mas aonde? Onde estão agora?

— Estão gozando, soluçou o snr. Micróbio. Quem me dera, fazer-lhes companhia! Estão passeando, agarrados à planta do pé do animal.

— E não se machucam? Tenho impressão de que todos ficam esmagados quando o animal firma o pé no chão.

— Qual o que! Engano! O pé dele é áspero e os micróbios estão todos nos intervalos, passeando a valer. E não me amole mais. Estou tão triste que nem quero prosa.

E o snr. Micróbio parou de chorar e, agitando seus braços, gritava sem consolo:

— Aquí Fido, aquí, Fido, Fido, venha buscar-me também.

Filhinho não pode deixar de rir, vendo o snr. Micróbio chamar de Fido a um colosso

daquele. Era mais do que certo não ser ouvido, mesmo que gritasse no ouvido dele. Entretanto ele continuava gritando :
— Fido ! Aquí Fido ! Venha buscar-me ! Fido ! Fido !

Filhinho riu mais alto. Depois perguntou :
— Por que você o chama de Fido ? Acho tanta graça...

— Ora, esta é boa. Aprendi o seu nome com você mesmo. Você também não o chama de Fido ? respondeu o snr. Micróbio indignado.

— Que ? exclamou Filhinho, espantado. Eu ? Eu o chamo de Fido ? Como, se nunca o ví em minha vida ? Eu não. Como é que você está dizendo que aprendeu seu nome comigo ?

— É repito. Você brinca com ele no quintal. Não o conhece mais ? E' o seu cachorro, o Fido. Sim, ele mesmo.

— Meu cachorro ? Impossível ! O meu Fido é desta altura (e indicou, pondo a mão nos joelhos).

Só então Filhinho se lembrou de quão pequeno era ; tinha-se esquecido e riu de si mesmo. Imaginou como seria Fido se realmente fosse do tamanho que havia dito. Seria muito menor que metade da grossura de uma folha de capim. E, fazendo a idéia de um cachorro assim tão minúsculo, Filhinho riu bastante, pois deveria ser mesmo engraçado. "E eu, com medo do meu cachorro ! Ora, ora. Bem, se o Fido me pareceu tão grande, gostaria de ver um homem", pensou consigo mesmo.

— Por aqui não vejo nenhum homem, replicou o snr. Micróbio ; mas, lá está sua irmãzinha, brincando. Veja como se parece ela.

CAPÍTULO VIII

OS FILHOS DO SNR MICRÓBIO ATACAM O ROSTO DA CRIANÇA, IRMÃ DE FILHINHO

A irmã de Filhinho estava sentada na grama, do outro lado do quintal. Que exqu岸ita lhe pareceu a irmã ! Era enorme. Mais parecia ser irmãzinha de montanha. A cabeça era do tamanho de uma casa. Seus olhos azues e redondos pareciam janelas coloridas de igreja ; cada fio de seus cachinhos louros era da grossura do corpo de Filhinho diminuído. E a sua pele tão bonita e lisa já não tinha o mesmo aspecto : era áspera como as ripas dum telhado.

Fido continuava andando pelo quintal indo em direção à criança. Sacudia aquele rabo comprido como um trem, p'ra lá, p'ra cá. Façam idéia.

Chegando aonde ela estava, sentou-se no chão ; depois, ergueu a pata dianteira e lambeu-a ; e quando a desceu de novo, em sua língua havia ficado toda a família de micróbios do snr. Haroldo.



A irmã de Filhinho.

Lembram-se de que quando Fido pisou neles, agarraram-se ao seu pé. Agora, num segundo, ficaram-lhe na língua, contentes, rindo e gritando como crianças quando vão a um pique-nique.

Momentos depois aconteceu uma coisa muito triste. Vejam bem : A criança, irmã de Filhinho, passou os braços em volta do pescoço de Fido e ele lambeu-lhe o rostinho. Aquela enorme língua, infestada de micróbios, passou-lhe pertinho da boca. O nené empurrou a cabeça de Fido mas já era tarde. E, sabem o que aconteceu ? Imediatamente os micróbios passaram para o rostinho dela, formando um círculo em redor de sua boca.

E eles sorridente e felizes, diziam entre si : "Agora, sim, afinal vamos comer".

Dava pena vê-los ali. Filhinho subiu o mais que pode na folha de capim e gritou com todas as forças de seu pulmão :

— Irmãzinha, irmãzinha, Fido deixou seu rosto cheio de micróbios. Tire-os quanto antes. Peça para a mamãe lavar seu rosto. Irmãzinha — irmãzinha".

Ela, porém, não lhe deu a mínima importância ; nem sequer olhou de seu lado.

"Oh ! Oh !" exclamou Filhinho. "Preciso livrá-la".

Esquecendo-se de que era pequenino, deu um passo ; não sentindo apoio, segurou-se novamente ao capim.

"Oh !" disse desesperado, "como poderei ir lá ? Eu preciso, preciso tirar aqueles micróbios de seu rostinho".

Olhou para o chão. Era grande a distância. Levaria minutos descendo a folha ; uma vez em baixo, precisaria subir as rochas e andar por entre as folhas de capim até chegar aonde estava o nené. Talvez gastasse a tarde toda nessa caminhada. Assim sendo, chegaria tarde demais, quando já os micróbios estariam regalando-se.

Filhinho estava aflito. Observava a irmãzinha ; ela, porém, não podia vê-lo nem ou-

ví-lo e ele não podia ir para junto dela. Os micróbios, em volta de sua boquinha rosada, moviam-se vagarosamente como que procurando alguma cousa.

De repente o sr. Haroldo falou, radiante de alegria:

— Oh! Que sorte! Vejam como Fido levou minha família a passear, direitinho no rosto do nenê.

Só então Filhinho se lembrou de que o sr. micróbio ainda estava ali com ele na folha de capim.

Vendo a satisfação dele, Filhinho ficou mais pesaroso ainda.

Por longo tempo nenhum falou. Filhinho desejava ardentemente encontrar um meio de ir até lá ou esperava que sua mãe aparecesse e levasse o nenê para lavar o rosto. Pensando nela, olhou em direção a sua casa e, pela porta, viu-a trabalhando na cozinha, muito atarefada. Filhinho não imaginava como podia alguém ficar contente, quando o rosto de sua irmãzinha estava naquele estado.

Dali a pouco Filhinho sentiu a folha de capim balançar-se fortemente. Virou-se e, que viu? O sr. Micróbio, pulando e batendo as mãos, de gozo! E que ele viu o nenê passar a mão pela boca e depois enfiar o dedo na boca. Um micróbio que se agarrara ao seu dedinho foi direito para dentro da boquinha dela, sem que Filhinho pudesse agir. Pelo menos foi o que pareceu ao sr. Haroldo.

“Ah!” suspirou Filhinho, “se ao menos eu fosse grande, poderia ir lá e lavar o rosto e o dedinho sujo da maninha”.

Entretanto, nada podia fazer no momentot. Isto é, uma coisa havia ao seu alcance — livrar-se daquele micróbio que estava na mesma folha de capim em que ele. Abaixou-se, pois, e segurou-o; porém, ele continuou rindo, de gosto de saber que um de seus filhos tinha entrado na boca do nenê, onde seria fácil criar uma enorme família por ser o lugar



quente e húmido. Uma vez desenvolvida a família os micróbios saíam com facilidade para o lugar onde ela pusesse a boca.

Enquanto Filhinho segurava o sr. Micróbio, à sua cabeça afluíam dezenas de pensamentos. Resolveu atirá-lo ao chão. Filhinho percebeu que ele parara de rir e atento olhava para o quintal em direção à criança.

— Alegro-me por ver que afinal você se condeou de minha irmãzinha por haver aquele seu filho entrado na boquinha dela.

— Isso muito me alegra. O que sinto é ver aquela senhora dirigindo-se para a criança. Com certeza vai dar-lhe um banho e esparramar meus filhos todos, disse o sr. Haroldo, contrariado.

— Que diz?! Uma senhora? exclamou Filhinho. Onde? Não estou vendo. Ah! sim, é verdade. Urra! Urra! Que bom! Que felicidade! Depressa, antes de entrarem outros.

E Filhinho ficou tão contente, tão satisfeito que, distraidamente colocou o sr. Micróbio na folha de capim, em vez de atirá-lo ao chão como tencionava.

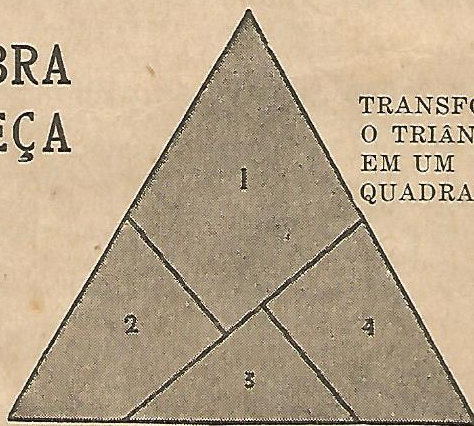
(continua)

3	12	6
8	8	6
10	2	9

NÚMEROS MÁGICOS

Ponha números nos quadrados que não os têm de modo que a soma seja 21 em todas as direções.

QUEBRA CABEÇA



TRANSFORMAR O TRIÂNGULO EM UM QUADRADO

Desenhe em um papelão ou em cartolina um triângulo como este e corte direitinho em 4 pedaços como nos indica o clichê. Agora procure colocar os pedaços de modo que forme um quadrado perfeito.

Depois peça a seus amiguinhos fazerem o mesmo. Podem até apostar para ver quem acaba primeiro.



QUEM É QUE SABE?

- 1) Completar : *Deixai os meninos e não os estorveis...*
- 2) Como se chama quem nasce em Buenos Aires, em Porto Rico e em Porto ?
- 3) Corrigir : Li e gostei muito do seu livro.
- 4) Qual das bandeiras latino-americanas tem como emblemas principais uma ave, um reptil e uma planta ?
- 5) Onde fica o deserto de Atacama ?
- 6) Qual foi o poeta brasileiro que nos últimos anos de sua vida sofreu a amputação do pé esquerdo, substituindo-o por um de madeira ?
- 7) Qual o idioma oficial do Haiti ?
- 8) Que é que torna famosa a ilha da Trindade, próxima à costa venezuelana ?
- 9) Qual é o autor do livro Sací Pererê ?
- 10) Citar uma árvore cuja madeira é preta.
- 11) Que é que pode deixar de ser cego e ainda não ver ?
- 12) Qual é a sentença célebre de Campos Sales ?
- 13) Citar 3 grandes pintores brasileiros.
- 14) Como se chama a gigantesca árvore dos Estados Unidos, em cujo tronco abriram uma passagem para automóveis ?
- 15) Em que dia da semana Jesús ressuscitou ?

Respostas às perguntas de abril

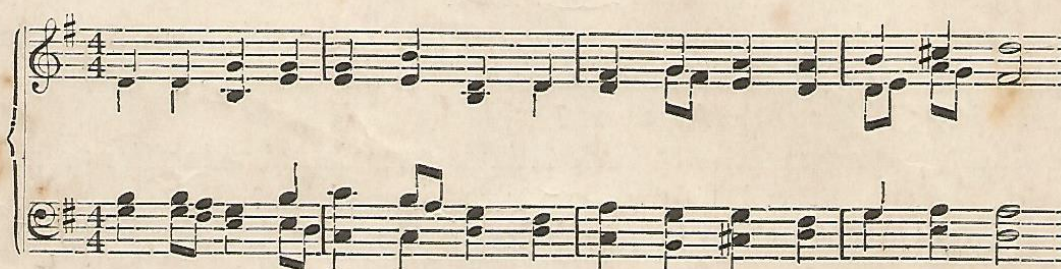
- 1) ...os irmãos vivam em união !
- 2) Leia a explicação no Bem-te-vi de abril deste ano.
- 3) No dia 14 de abril. Em 1890.
- 4) O filântropo pacifista norte-americano — Andrew Carnegie.
- 5) Em Washington, constituindo um orgulho não só da cidade mas também de toda a América.
- 6) Teodoro Roosevelt.
- 7) Argentina, Brasil e Chile.
- 8) Colombia.
- 9) Anita Lizana, do Chile.
- 10) Os Maias.
- 11) Famosa cantora brasileira.
- 12) Em Trujillo.
- 13) Bolívia.
- 14) Haiti.
- 15) Panamá, em 1903.



PETIÇÃO

Melodia de X X X

Harmonia de A. W. Ream.



1 Nos empregos deste dia
Sê conosco, oh Salvador
Abençôa as nossas obras,
Dá-nos fruto do labor.

2 Acompanha os jornaleiros,
Fica em casa com os ma'is;
Guarda as tenras criancinhas,
Fortalece e vale aos pais.

3 Dá viveza no trabalho,
E nas aulas aptidão;
Hoje ampara esta família
Com divina proteção. — K.

